

ASEAN, BALANÇO E VISLUMBRE: PERSPECTIVAS DOURADAS PARA UM JUBILEU DE OURO?

Clarissa Correa Neto Ribeiro

No último dia 8 de agosto, o bloco conhecido como ASEAN, a Associação de Nações do Sudeste Asiático, completou 50 anos de existência. Com características peculiares e um desenvolvimento regional independente, a ASEAN demonstra que as crises do regionalismo ao redor do mundo não chegaram à Ásia, propondo seu próprio caminho para a integração. Ainda assim, nem tudo é dourado neste jubileu e o presente texto busca elaborar um balanço entre a história de meio século da organização e suas perspectivas para o futuro.

Inicialmente, é preciso compreender o contexto político que envolveu a conformação deste espaço. Tal introdução se justifica pelo entendimento das fórmulas adotadas pelos países do Sudeste Asiático e que diferenciaram sua formação. A história da ASEAN tem suas origens em um período regional conflituoso, marcado pela Guerra Fria, e que, em seus primeiros anos vivenciou ainda os efeitos do pós-colonialismo, da expansão do comunismo, détente EUA e China, Guerra do Vietnã, e invasão do Camboja pelo Vietnã, dentre outros eventos (JETSCHKE; KATADA, 2016).

A busca pelo desenvolvimento neste contexto, portanto, influenciou diretamente na forma de proposição de um projeto regionalista no Sudeste Asiático. Originalmente cinco países, Filipinas, Tailândia, Indonésia, Malásia e Singapura se associaram através da Declaração de Bangkok em 1967, com fortes sentidos anticomunista e anti-imperialista, que objetivavam também o fortalecimento de sua independência diante do contexto regional com poderosos vizinhos como China, Japão e Coreia do Sul. Além disso, com exceção da Tailândia, é interessante destacar que todos os outros participantes acabavam de se tornar Estados independentes do colonialismo, o que

justifica a necessidade de defender a soberania, impressa na formação institucional da ASEAN, e a proposta de segurança coletiva, ainda na Guerra Fria (ASEAN, 50..., 2017).

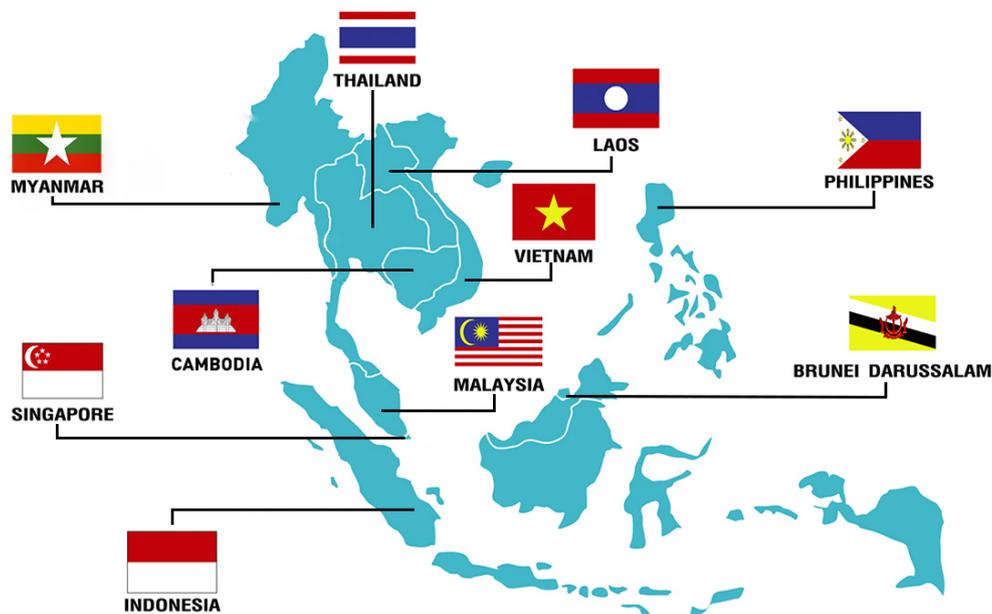
Tais sentidos são importantes para o estabelecimento da base normativa que guia o relacionamento dos países do bloco, conhecido como "ASEAN Way". Um dos principais fatores que governam esse relacionamento, portanto, é o princípio de não-intervenção. À diferença da iniciativa europeia e de outras regiões do mundo, o projeto do Sudeste Asiático não tinha perspectivas de criação de instituições supranacionais, trabalhando através do intergovernamentalismo, ou seja, da tomada de decisões concentrada entre os governos por consenso, para a construção de um espaço de paz e estabilidade na região.

Outro aspecto importante é o caráter econômico predominante que vigorou inicialmente na ASEAN, com a baixa institucionalização. O fortalecimento das relações econômico-comerciais tornou-se fundamental para que o baixo nível de formalidade adotado pelas instituições intergovernamentais fosse suplementado por um alto nível de regionalização das redes de produção asiáticas, que ajudaram a ligar a região através do comércio, mas também através de avançadas infraestrutura e comunicações, bem como a circulação de pessoas para a realização de negócios (JETSCHKE; KATADA, 2016).

Com o final da Guerra Fria e o fim da guerra entre Camboja e Vietnã (1975-1989), novos membros se apresentaram, com o ingresso de Brunei em 1984, Vietnã em 1995, Laos e Myanmar em 1997 e Camboja em 1999, completando os atuais dez membros do bloco. Desde então, o desenvolvimento único da ASEAN enquanto referência de projeto regional é notável e apresenta interessantes desdobramentos para o continente asiático.

Sob esse aspecto é interessante ressaltar como, na ausência de outras estruturas institucionais que conectassem os diferentes interesses ao seu redor, a ASEAN acabou tomando para si a responsabilidade, tornando-se um centro compartilhado para a institucionalização das demais relações. É a partir da ASEAN que surgem fóruns como ASEAN +3 (criado em 2001, com o objetivo de viabilizar o diálogo e cooperação do bloco com os vizinhos Japão; China e Coreia do Sul); East Asia Summit (criado em 2005, também conhecido como ASEAN+8, e que congrega, além dos países envolvidos nos fóruns anteriores, Rússia, EUA, Austrália, Índia e Nova Zelândia); e o Asean Regional Forum (criado em 1994, conta hoje com 27 membros: todo os países da ASEAN + 8, mais Bangladesh, Canadá, Coreia do Norte, Mongólia, Paquistão, Papua Nova Guiné, Sri Lanka, Timor Leste e a União Europeia).

Figura 1: Mapa de países da ASEAN



Fonte: Asia Education Foundation (AEF)

Além disso, outro aspecto relevante é a evolução da estrutura inicial restrita para abranger uma maior variedade de temas e objetivos, aprofundando o relacionamento entre os membros. A expansão gradual permitiu que a ASEAN pudesse estabelecer um cronograma para o seu desenvolvimento, fomentando as bases para iniciativas mais profundas em seu 40º aniversário, em 2007, como a Carta da ASEAN, documento que aporta regulação e framework institucional ao bloco, bem como o concede personalidade jurídica internacional; e a ASEAN Community, que compreende três pilares setoriais para a atuação do bloco: segurança (ASEAN Political-Security Community), econômico (ASEAN Economic Community) e social (ASEAN Socio-Cultural Community) (ASEAN, 2017). Conforme Oliveira Junior, (2016) para o ODR, a Carta estabelece em definitivo a institucionalidade e a normatividade do bloco, "transformando essas funções que ainda eram carentes de regras e clareza institucional em algo melhor acabado e com uma mais clara visão de seu funcionamento."

No entanto, nem tudo que brilha é ouro neste jubileu. A medida em que avança o processo, a ASEAN enfrenta uma série de desafios tanto entre seus membros, como em seus relacionamentos externos. Apesar da evolução das estruturas institucionais, o grande dinamismo do relacionamento dos países pressiona enormemente o bloco e sua forma de tomada de decisões, levantando questões sobre a capacidade de adaptação da instituição frente às novas conjunturas que se apresentam no mundo (THE NEXT..., 2017).

As assimetrias entre os países também se destacam na consideração do processo de integração das nações: o rendimento bruto per capita de Singapura chega a ser 50 vezes maior que o de Myanmar e Camboja, por exemplo¹. Os gaps de desenvolvimento entre os países pedem, então uma maior capacidade de coordenar ações e convergir políticas.

O jornal Japan Times (ASEAN AT..., 2017) destaca também as dificuldades da ASEAN para lidar efetivamente contra problemas de caráter democrático e de direitos humanos, alegando que o bloco não foi capaz de tomar medidas concretas contra o golpe de Estado ocorrido na Tailândia em 2014; ou a perseguição do povo Rohingya, minoria muçulmana em Myanmar; ou mesmo a repressão violenta contra delitos relacionados a drogas realizada pelas Filipinas.

Em termos geográficos, a ASEAN tem ainda sua capacidade de concertação desafiada frente ao conflito territorial do Mar do Sul da China, onde os membros do bloco disputam soberania sobre territórios marítimos fundamentais, visto que se tratam, em sua maioria, de Estados insulares, como a potência asiática.

Desta forma, a negociação e a acomodação de interesses feito pelo bloco é cada vez mais necessária, principalmente se considerado que os EUA, que sempre desempenharam um papel importante na região de auxiliar no balanceamento de poderes com a China, se vê em um momento mais voltado para o seu cenário doméstico, a partir da administração Trump, conforme explicitam Castañeda e Barros neste volume.

Em suma, muitos são os desafios e possibilidades apresentados no cenário atual de incertezas frente a Ordem Internacional, como o vivenciado durante o ano de 2017. Inegavelmente, é, por si só, notável a trajetória de um bloco que completa 50 anos, principalmente partindo-se do contexto em que nasce a ASEAN e levando-se em consideração os muitos sucessos que a mesma conseguiu alcançar no relacionamento com os seus vizinhos.

A partir da análise de sua trajetória, torna-se perceptível o papel das instituições para a construção da confiança e da segurança regional como bases para a evolução

1 Cf. ASEAN AT the 50 year mark. The Japan Times. August 25, 2017. Disponível em <<https://www.japantimes.co.jp/opinion/2017/08/25/editorials/asean-50-year-mark/#.WeTR3EyZMnU>> Acesso em 16 de outubro de 2017.

de um processo. Até mesmo pode-se perceber um pequeno distanciamento da política de não-intervenção inicial, a partir da proposta de adoção de características comunitárias. Tal evolução possibilita a compreensão de que cada vez mais a capacidade de diálogo e concertação são necessários para que o bloco se mantenha como instituição regional sólida por mais quantos 50 anos vierem, mas que precisa assumir que a não-interferência não deve ser percebida como indiferença (ASEAN, 50..., 2017), uma vez que os custos políticos envolvidos impediriam um engajamento mais substancial dos países membros.

Clarissa Correa Neto Ribeiro

Mestre e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas - Unesp, Unicamp, PUC-SP. Bolsista CAPES, realizou mobilidade acadêmica de mestrado pelo Programa de Escala de Pos Grado da AUGM junto a Universidad de la Republica (Uruguai). Graduada em Ciências do Estado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Membro da Rede de Pesquisa em Política Externa e Regionalismo (REPRI) e do Observatório de Regionalismo (ODR). Interessada em pesquisas sobre regionalismo comparado, tem experiência de pesquisa com os projetos regionais latinoamericanos, com destaque para o MERCOSUL e a UNASUL. Atualmente, investiga a proliferação e a sobreposição de instituições regionais na América do Sul, África e Ásia. E-mail: clarissacnribeiro@gmail.com

REFERÊNCIAS

ASEAN. About ASEAN. Disponível em <<http://asean.org/asean/about-asean/>> Acesso em 16 de outubro de 2017.

ASEAN, 50 years on. The Hindu. August 8, 2017. Disponível em: <<http://www.thehindu.com/opinion/op-ed/asean-50-years-on/article19446112.ece>> Acesso em 16 de outubro de 2017.

ASEAN AT the 50 year mark. The Japan Times. August 25, 2017. Disponível em <<https://www.japantimes.co.jp/opinion/2017/08/25/editorials/asean-50-year-mark/#.WeTR3EyZMnU>> Acesso em 16 de outubro de 2017.

JETSCHKE, A.; KATADA, S. Asia. In: In: Börzel, Tanja A.; Risse, Thomas (Eds.): The Oxford Handbook of Comparative Regionalism, Oxford: Oxford University Press, 225-248, 2016.

OLIVEIRA JUNIOR, M. Uma introdução ao regionalismo asiático: a ASEAN. Observatório de Regionalismo. 13 de junho de 2016. Disponível em <<http://observatorio.repri.org/artigos/uma-introducao-ao-regionalismo-asiatico-a-asean/>> Acesso em 16 de outubro de 2017.

THE NEXT 50 years of ASEAN. The Diplomat. August 01, 2017. Disponível em <<https://thediplomat.com/2017/07/the-next-50-years-of-asean/>> Acesso em 16 de outubro de 2017.

Figura 1: http://www.asiaeducation.edu.au/images/default-source/logos/all_country_flags_with_names_asean.jpg?sfvrsn=2